



GRUPO2i



CULTURA
NORTE



MOSTEIRO DE TIBÃES



**XIII COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA
DA ASSOCIAÇÃO HISPANICA DE LITERATURA MEDIEVAL (AHLM)**

em parceria com a DRCN/Mosteiro de Tibães

**Limiars Homem/Animal
na Literatura e na Cultura da Idade Média**

Mosteiro de Tibães, Braga, 2-3 junho 2022

Resumos

Ana Paiva Morais (NOVA FCSH, IELT)

CHESCUN EN SA NATURE DIVERSEMENT OVERAÑT - A EXEMPLARIDADE DOS ANIMAIS NAS *METAPHORAE* DE NICOLE DE BOZON

Nas fábulas integradas em coleções de narrativas curtas do período medieval, os animais surgem como os intervenientes preferenciais na trama ficcional que serve de base para a lição. Os processos narrativos de moralização da fábula tendo por base os animais foram, já, objeto de estudos relevantes como sejam os que Howard Needler, Jeanne-Marie Boivin ou Gabriela Parussa. Nesta comunicação, iremos situar-nos nesta perspetiva sobre a fábula, dando especial atenção aos dispositivos narrativos e hermenêuticos a que se recorre nas fábulas da coleção de *exempla* intitulada *Metaphorae* ou *Contes Moralisés* (século XIV), da autoria do frade franciscano Nicole Bozon (*Les Contes Moralisés*, (Lucy Toulmin Smith et Paul Meyer eds.), Paris, Librairie Firmin Didot, 1889). Centrar-nos-emos, em particular, na construção de uma hermenêutica dos animais, que o autor modela na sua obra, tanto na introdução, onde procura justificar o seu projeto conferindo aos animais um estatuto equivalente ao dos outros seres vivos, como em textos específicos onde a enunciação da moral é confiada aos protagonistas. O nosso enfoque não será, pois, colocado no lugar que ocupa a fábula nesta coleção de *exempla*, mas antes na análise dos processos de valorização dos animais no projeto doutrinador nela formulado.

Ana Sirgado (NOVA FCSH, IELT)

UN CABALLERO PASEA UN CABALLO NO ROMANCEIRO DE TRADIÇÃO ANTIGA

A presente comunicação propõe-se visitar o romanceiro de tradição antiga a partir da análise dos elementos cavalo e homem que enformam a figura do cavaleiro. À cabal ligação destes constituintes naquela figura, determinada em primeira instância por razões de ordem morfológica e semântica, associa-se, em romances como “Helo helo por do viene” ou “Por la vega de Granada”, a continuidade entre homem e animal estabelecida através de um conjunto de dispositivos narrativos e descritivos. Apesar da suposta superioridade e domínio da figura humana, a descrição de atributos físicos, adornos ou armamento do cavaleiro e respetivo equídeo sugere antes uma unidade dotada de uma simbologia particular, como se verá, por exemplo, nos relatos de confrontos entre mouros e cristãos.

Angélica Varandas (FLUL / CEAL)

DE GALLO QUAERITUR A QUO EI INTELLIGENTIA TRIBUATUR: A FIGURAÇÃO ALEGÓRICA DO PREGADOR SAGRADO NO BESTIÁRIO E NO AVIÁRIO E SUA MANIFESTAÇÃO EM *THE CANTERBURY TALES* DE GEOFFREY CHAUCER

No Bestiário medieval, o galo é um animal dotado de características positivas, pois o seu canto é aí alegoricamente entendido como fonte de cura espiritual e salvação da alma. O Aviário, por sua vez, associa o galo à figura do pregador sagrado, que, na Idade Média, era também o professor e o letrado, recorrendo a um passo do comentário de S. Gregório sobre o Livro de Job, nomeadamente ao que se detém no versículo “Quem deu inteligência ao galo?” (Job 38: 36). Nesta apresentação, pretendemos abordar esta identificação entre o galo e o pregador na

cultura medieval que se torna manifesta em obras como *The Canterbury Tales* de Geoffrey Chaucer na qual o autor inglês, recorrendo à tradição do Bestiário e do Aviário, estabelece uma relação entre os vários membros do clero descritos no Prólogo e a voz do galo, relação esse que a crítica não parece ter explorado.

Carlos C. Carreto (NOVA FCSH, IELT)

QUANDO OS MONGES ERAM PEIXES E OS CAVALEIROS GOLFINHOS: DO DEVIR ANIMAL AO DEVIR DA LITERATURA

Em *Mille plateaux* (1980), Gilles Deleuze e Félix Guattari evocam o devir-animal no homem não tanto como o resultado de um processo analógico ou mimético conduzindo a uma redescoberta do sujeito, mas como uma verdadeira ascese despersonalizante que cria uma experiência da desterritorialização e da abertura radical à Alteridade. Sincrética por natureza e vocação, obcecada pela questão da Forma, a cultura medieval mostrou-se fascinada pelas zonas de contiguidade e de intersecção morfológicas e simbólicas entre o homem e o animal donde emerge o maravilhoso enquanto suspensão do sentido e perturbação hermenêutica. Neste contexto, o mar - enquanto fronteira fluida e porosa por excelência - emerge frequentemente na literatura (tanto didático-moral como ficcional) como um lugar (ou não-lugar) particularmente propenso aos fenómenos de hibridação, insinuando-se, das *Otia imperialia* de Gervais de Tilbury a *Tristan de Nanteuill*, passando pela aventura subaquática de Alexandre o Magno, como um autêntico laboratório da criação. Resta saber até que ponto a questionação sobre o mundo que perpassa desta contante redistribuição das fronteiras entre o humano e o animal, não envolve igualmente uma reflexão sobre o devir da própria ficção poética enquanto permanente, desinquieta e inquietante laboratório de formas.

Déborah González (Universidade de Santiago de Compostela)

DEBATES E ATAQUES ANIMAIS ENTRE OS TROBADORES GALEGO-PORTUGUESES

Con motivo dun encontro que convida a reflexionar e analizar, desde distintas perspectivas, a relación home/animal na literatura e na cultura medieval ibérica, a presente proposta explorará os usos e os valores das referencias a diferentes animais que aparecen contidas en varias das tenzóns galego-portuguesas transmitidas polos apógrafos B e V. Normalmente, estas presentan valores simbólicos, metafóricos, irónicos, cómicos... Tendo en consideración que este tipo de composición se caracteriza polo seu carácter dialóxico, naqueles debates de vertente xocosa e satírica nos que os autores se intercambian reproches e ataques, tamén será posible observar estes “ataques animais” con certa afinidade aos que se len no interior doutro xénero de cantigas, destacadamente nas cantigas de escarnio, o que eventualmente permitirá ampliar a perspectiva de estudo. A presentación intégrase no proxecto de investigación *Redes socioculturais da lírica galego-portuguesa*.

Esther Corral Díaz (Universidade de Santiago de Compostela)

AS IMAXES DENIGRATORIAS EQUINAS NA POÉTICA MEDIEVAL: UN XOGO DE EQUÍVOCOS

No repertorio das cantigas de escarnio da lírica galego-portuguesa cítanse equinos como *muas*, *bestas*, *cavalos* e *rocins* en composicións significativas de autores que destacan polos seus *corpora* satíricos, como Alfonso X, D. Denis, Joan Airas de Santiago, Joan Garcia de Guilhade ou Airas Nunes, e nas que a referencia animalística equina é utilizada fundamentalmente como equívoco (normalmente erótico). Na comunicación estudáranse estas alusións que presentan unha forte carga de significados e que os trobadores empregan nas súas estratexias subversivas en formulacións particulares. Analizáranse as temáticas e os motivos representados, así como o vituperio *ad personam* que normalmente esconde este tipo de referencias. Aínda que existen casos nos que os termos expresan o sentido recto de animal equino porteador de cabaleiros e damas (ou non tan damas), na maioría dos casos a forma léxica agacha veladas ou directas insinuacións a diferentes aspectos do comportamento ou da vida social do individuo. As críticas diríxense singularmente cara á natureza sexual da persoa satirizada (homosexual), ou cara a falta de recursos do cabaleiro que deixaba ao seu cavalo morrer de fame ou a falta de hospitalidade por parte dun nobre de baixa condición. A miúdo a combinación *rocin / cavalo*, *rocin / mua* é utilizada como binomio para a articulación da crítica.

Guillaume Issartel (Université de Grenoble-Alpes)

REJOINDRE L'OURS(E) AU LIT. LA FÉE MELIOR ET SON AMANT (*PARTONOPEU DE BLOIS*, XII^e S. – *GUILLAUME DE PALERNE*, XIII^e S.)

Confortablement blotti dans nos littératures médiévales, l'ours, personnage mythique d'une envergure colossale – mais restée largement inaperçue jusqu'à ces dernières années, s'invite, sous sa forme habituelle, dans les récits les plus divers : contes, textes hagiographiques, épopées,... . En tant qu'habitant pleinement légitime de l'environnement naturel qui était celui de nos ancêtres, il a su longtemps paraître tout à fait banal, lorsqu'il surgissait d'un buisson de la forêt hantée par maître Renart, ou au moment où il se dressait devant le pas d'un chevalier lancé dans l'ascension du mont Canigou. La banalité suffit souvent à faire oublier même les créatures aux corps les plus encombrants. Foin de sa réputation de balourdise !, le plantigrade a d'ordinaire la suprême habileté de nous cacher son secret le plus invouable : jusqu'où va sa profonde collusion avec l'espèce humaine. Certes, croyances et discours populaires nous renseignent déjà, aux quatre coins du monde, sur la possibilité pour l'ours de copuler avec des femmes, et leur offrir une descendance : témoin le conte de *Jean de l'ours* et ses multiples versions. Mais la spécificité de la littérature médiévale est de nous montrer que si un chasseur peut se parer de la dépouille de l'ours, celui-ci n'hésite pas non plus à se glisser dans une enveloppe humaine pour vivre parmi les hommes – et s'y faire oublier. Et voici que, incidemment, tel ou tel héros parfaitement intégré à la société chevaleresque révèle l'espace d'un instant une identité surprenante... sous laquelle son corps peut par exemple se recouvrir subitement de poils... Afin d'illustrer ce phénomène, nous nous proposons d'étudier le cas particulier de deux personnages féminins, empruntés à deux romans français du XII^e et du XIII^e siècles – qui n'ont semble-t-il de commun que le fait que leurs héroïnes portent le même nom : Melior. Dans *Partonopeu de Blois*, le héros éponyme, un preux chevalier venu de France, est magiquement attiré dans le lit de la fée Melior, souveraine d'une terre byzantine légendaire. Pas d'ours visible dans ce récit apparemment calqué sur l'histoire d'Eros et Psyché. Mais dans *Guillaume de Palerne*, en revanche, une princesse romaine nommée également Melior se

trouve, elle, placée par amour dans une situation des plus curieuses et ambiguës : dame et chevalier servant sont contraints de voyager enfermés dans des peaux d'ours ! Tout l'enjeu de notre réflexion reviendra alors à montrer que, si l'animal se laisse nommément entrevoir dans le second roman, il n'en est pas moins également présent dans le premier, et qu'il imprime fortement ses propres façons dans la marche des deux récits – faisant de nos textes des exemples de romans chevaleresques en réalité bâtis sur une structure mythologique, dont le véritable héros, sous des dehors humains, est un ours.

Inmaculada García (Universidad Complutense de Madrid)

PARA QUE A TODOS LOS HOMBRES FUESEN NOTORIAS TAN GRANDES Y MARAVILLOSAS Y NUEVAS COSAS: LAS PRIMERAS DESCRIPCIONES DE LOS ANIMALES DEL NUEVO MUNDO EN LA IMPRENTA

A finales del siglo XV, coincidiendo prácticamente con la llegada a la Península ibérica de *arte impresoria*, la Corona de Castilla y el Reino de Portugal, extendieron sus dominios más allá del océano Atlántico. La noticia del descubrimiento de las nuevas tierras allende los mares fue un acontecimiento decisivo que cambió el devenir de la Historia, y en especial de los dos países que ocupaban la península al sur de los Pirineos. En 1526, en las prensas de Ramón de Petras en Toledo, se publica el *Oviedo de la natural hystoria de las Indias* en el que Gonzalo Fernández de Oviedo trata diversos aspectos del Nuevo Mundo, pero en especial la fauna y la flora con las nuevas especies descubiertas. Gonzalo Fernández, autor también del libro de caballerías *Don Claribalte*, fue nombrado cronista de las Indias y el gran número de ejemplares conservados del *Oviedo*, como era conocida la obra, y las sucesivas traducciones que se publicaron a lo largo del siglo XVI muestra el interés que suscitó el libro en la sociedad de su tiempo. El objetivo de este trabajo es descubrir y acercarnos al mundo animal del nuevo continente a través de las páginas que ocupan en este libro, que fue impreso “porque a todos los hombres fuesen notorias tan grandes y maravillosas y nuevas cosas”. Este primer inventario de animales hasta entonces completamente desconocidas en Occidente convirtieron a su autor en una especie de biólogo de los nuevos territorios. Las descripciones de la fauna (y también de la flora) de Fernández de Oviedo abrían para el lector de entonces, pero también para el de ahora, una ventana a la inmensa diversidad y la grandiosidad natural de nuestro planeta.

Isabel Barros Dias (Universidade Aberta)

METAFORA ANIMAL NO MS. DA ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA DA *CRÓNICA DE 1344*

A visão do animal como elemento de comparação relativamente ao Ser Humano é relativamente recorrente. Tal verifica-se, por um lado, porque o nosso entendimento do diferente e do Outro assenta amplamente, em termos cognitivos, em processos comparativos, tal como identificado pelos estudos de Lakoff & Johnson. Pelo outro lado, o animal é uma criatura que desde sempre conviveu com o Ser Humano, sendo-lhe próxima, independentemente de ser domesticada ou não. Por isso, é normal que se tenha tornado um elemento de eleição para projeções e comparações, nomeadamente nas Fábulas e no Bestiário. Nesta comunicação abordaremos este tema desde o ponto de vista da comunicação entre texto e imagem, tendo em conta o manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica de 1344*. Trata-se de um manuscrito que inclui um conjunto notável de desenhos de animais. Estas iluminuras têm sido frequentemente consideradas como meros adornos. No entanto, se tivermos em conta a

exegese que o Bestiário desenvolve a respeito de múltiplos animais, e considerando que estas interpretações seriam do conhecimento geral da época, propor-se-á a leitura de alguns fólhos do ms. em estudo destacando a possibilidade de as imagens que o adornam, para além de decoração, constituírem elementos acrescidos de reflexão aprofundada, que se articula e dialoga com o texto, podendo ainda extrapolá-lo.

Israel Sanmartín (Universidad de Santiago de Compostela)

LOS JUICIOS A ANIMALES EN LA EDAD MEDIA

La presente comunicación se basa en un análisis de los trabajos de Edward P. Evans, *The Prosecution and Capital Punishment of Animals*, W. Heinemann, London, 1906 y el de Walter W. Hyde, "The Prosecution and Punishment of Animals and Lifeless Things in the Middle Ages and Modern Times", *University of Pennsylvania Law Review*, 64, 1916, pp. 696-730. En ellos se relatan diferentes acontecimientos relativos a juicios donde se acusaba a animales de cometer diferentes delitos en la época medieval. Existen procesos judiciales realizados a animales particulares (cerdos o perros) o a plagas de animales (ratones y orugas). También existen casos de zoofilia, que eran muy penados. Estos procesos se dan en Francia, Alemania, Suiza e Italia. En este trabajo trataremos: a) aproximarnos a partir de algunas cuestiones teóricas de los Animal Studies para ver la relación entre humanos y animales; b) hacer crítica de fuentes para identificar lo fantástico y lo real de estos juicios; c) analizar la concepción de lo animal en la Edad Media (alma o cristianismo); d) describir algunos de estos juicios. El objetivo del trabajo es mostrar la realidad de los juicios a animales en la Edad media y sus dimensiones jurídicas y contextuales. Y concluir en base a los cuatro puntos de análisis propuestos.

Juan Manuel Cacho Blecua (Universidad de Zaragoza)

EL VINO Y LOS ANIMALES (LEON, CORDERO, CERDO, SIMIO)

El epígrafe latino del relato 446 del *Libro de los exemplos por A. B. C.* (s. xv) sintetiza su contenido, «*Vinum ex sanguine quattuor animalium descendit*», procedente de raíces religiosas orientales. Noé, tras encontrar una viña silvestre amarga, añade en su raíz la sangre de cuatro animales para endulzarla: el león, el cordero, el cerdo y la mona. Cada uno de ellos transfería al vino alguna característica: la ira (león), la necedad (cordero), la lujuria (cerdo) y la sutileza (mona). En la comunicación se pretenden explicar las conexiones con estos animales, que además apuntan a su relación con los humores y ayudan a explicar determinadas expresiones como «mona triste», «mona alegre», etc., recogidas después por Sebastián de Covarrubias en su *Tesoro lexicográfico* (1611) s. v. MONA, e incluso la todavía utilizada de «coger una mona», equivalente a emborracharse. El *exemplum* justifica las distintas y poco recomendables consecuencias del vino pero sorprendentemente los dísticos iniciales anuncian algo bien diferente: «El vino es bueno e muypreciado / De sangre de animales fue fallado». Los versos reflejan un distinto aprecio del mundo animal y como, en otros anteriores, su estima por el vino.

Manuel Ángel García Fernández (Universidade de Vigo)

EL UNICORNIO Y LA EVOLUCION DEL PENSAMIENTO MEDIEVAL

Cabe buscar el origen y posterior evolución del mito del unicornio en los bestiarios latinos medievales cuyo arranque en la tradición medieval se encuentra en el fisiólogo griego al inicio de nuestra era. Los bestiarios latinos y en lenguas románicas posteriores le otorgan una interpretación alegórica alrededor de la figura de nuestro Señor dentro de la lógica del pensamiento teocéntrico medieval. El destino del peculiar animal unicornio está íntimamente ligado a una virgen que permite su captura en el bien conocido relato de la virgen del unicornio, que ya transmite Isidoro de Sevilla (S. VI) en sus *Etimologías*, pasa a ser símbolo del amor profano ya en el ámbito de la literatura cortés a partir del siglo XIII. Por otra parte, también aparecen las supuestas dotes medicinales, sexuales y de contraveneno del cuerno del unicornio, desmentidas solamente a finales de la edad media fruto de la evolución del pensamiento racional. Las representaciones del animal son numerosas y sus interpretaciones complejas ligadas a temas diversos en la baja edad media. Son testigos de ello las dos representaciones hoy en día bien conocidas del mito: la serie de tapicerías de la Dama del Unicornio, conservadas en el museo de Cluny en París, y la serie de la Caza del Unicornio, conservada en el museo de los Claustros en Nueva York. Son dos ejemplos ilustres de la mente del hombre medieval que no se guía por directrices racionales, tal como lo entendemos hoy en día. Al menos, hasta el siglo XVIII nuestros antepasados seguirán soñando con unicornios reales cuando se demuestra definitivamente la inexistencia de dicho animal. Por otra parte, Ambroise Paré, médico de Henri IV de Francia, con su espíritu racional, ya había puesto a prueba las virtudes medicinales del cuerno en su *Discours de la Licorne* (1582) demostrando su falsedad. Hoy en día, demostrada su inexistencia ya en el siglo XIII, el unicornio es una reliquia del pasado, formando parte como ficción folclórica de argumentos diversos de la literatura moderna. Pretendemos reflexionar sobre la evolución de la leyenda del unicornio en conjunción con la evolución del pensamiento hasta la época moderna.

Margarida S. Alpalhão (NOVA FCSH, IELT)

A FIGURA DO BOBO E OS LIMIARES HOMEM/ANIMAL

Durante a Idade Média, o ritual romano do mundo às avessas, próprio das Saturnais, emerge na Europa ocidental, designadamente nas Festas da Circuncisão ou Festa do Burro (séculos XII-XIII) ou, ainda, nas Festas dos Loucos (século XV). Simultaneamente o bobo emerge como figura em alguns contextos cortesãos ou de festa. E como (sobre)vive na cultura ocidental essa figura das margens? Também existiram bobos em Portugal? Que função desempenharam na sociedade e no Imaginário Ocidental? Eis algumas das perguntas que a que esta proposta procurará dar resposta.

Margarida Esperança Pina (NOVA FCSH, IELT)

ANIMAIS DA MEDIAÇÃO NOS LAIS ANÓNIMOS DOS SÉCULOS XII E XIII E NOS LAIS DE MARIE DE FRANCE

Nos *Lais Anónimos dos séculos XII e XIII e nos Lais de Marie de France* a presença do animal como elemento mediador entre dois tempos, dois espaços e dois mundos distintos é muito evidente.

Tal como existem espaços e personagens que tornam a mediação possível, também os animais participam dessa missão. Tentaremos assim definir, num primeiro momento, o que representa a mediação neste contexto específico, para depois analisarmos alguns dos bichos que assumem um papel preponderante nos lais (veado, corça, javali, lobo, cavalo, entre outros). Na verdade, sendo estes os mediadores da relação do herói com o mundo do maravilhoso, acabam também por ser o espelho do mundo interior do herói. Ou seja, assumem o papel de coadjuvante num percurso do herói que pretende ser bem-sucedido.

Maria Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela)

SOBRE OS TERMOS “CADELA” E “PERRA” COMO INJURIA NO *CANCIONEIRO GERAL*: TRADIÇÃO E IMPORTAÇÃO

As designações zoomórficas do *Cancioneiro Geral* são inseridas sobretudo no âmbito das descrições carnavalescas dos indivíduos que frequentam os serões da Corte nos finais da Idade Média, as quais aparecem recolhidas sob o título de “coisas de folgar”, mas também convém assinalar a sua presença noutros textos de crítica mordaz. Ao longo de numerosas trovas e cantigas assistimos ao desfile de um extraordinário conjunto de espécies que são trazidas à colação como amostras de agudeza poética dos autores e para pôr de relevo diversos traços físicos ou comportamentais que se afastam da etiqueta e do “modelo social” que presidia a realidade histórica daquela altura – na verdade, todos os grupos de vertebrados e até alguns dos invertebrados contam com alguma ocorrência terminológica na compilação de Resende. A nossa comunicação visa concretamente contribuir para o estudo dos valores semânticos e expressivos do léxico animal relativos a uma discriminação étnica e/ou sexual, estabelecendo um diálogo ora com o discurso escarninho das cantigas trovadorescas ora com a recorrência à importação linguística de Quatrocentos e à inserção de vocábulos castelhanos em textos satíricos compostos em português.

Marthe Czerbakoff (Université Bordeaux Montaigne)

ANIMALES COMO PERSONAS Y CAZADORES INHUMANOS: ENCUENTROS ANTROPOZOLÓGICOS EN LA MONTERÍA MEDIEVAL

Además de su función utilitaria, la caza constituye en el Medievo un ritual en el que se escenifica el dominio del hombre sobre la naturaleza. Esta demostración de superioridad se manifiesta especialmente en la orquestada sumisión del animal, tanto la de la fiera rastreada como la del auxiliar, canino o rapaz, rigurosamente amaestrado. Dicha sumisión se consigue gracias a los conocimientos técnicos, zoológicos y etológicos agudos transmitidos en los tratados de caza y descansa en un prolongado y estrecho contacto antropozoológico en el que se esfuman los límites tradicionalmente establecidos entre “rationales” e “irrationales”. Este encuentro se fundamenta, por un lado, en la instauración de una comunicación interespecie a la que dedicaremos la primera parte de nuestro trabajo. Se produce por otro lado, simbólicamente mediante la transmisión de valores de un ser a otro, cuyo proceso estudiaremos en segunda instancia. La actividad cinegética convierte pues el límite entre humano y animal en una frontera porosa y nos lleva a explorar la idea de una continuidad entre los seres vivos. Nos proponemos finalmente indagar las huellas dejadas por este lazo en la literatura tanto técnica como ficcional, a través del análisis de determinados recursos discursivos (analogías, animalización, antropomorfismo...). Las representaciones literarias de la caza y los textos cinegéticos llevan en

definitiva a considerar la caza ya no solamente en términos de dominación del hombre sobre la bestia, sino también como un espacio de encuentro antropozoológico en el que se traban relaciones interespecies, mutuas e interdependientes. Como tal, la caza resquebraja la frontera que se ha ido edificando entre hombres y animales a lo largo de los siglos, y permite renovar nuestra visión de sus liminalidades.

Nicolás Asensio Jiménez (IELT)

EL MOTIVO DEL CABALLO QUE HABLA EN EL ROMANCERO

A pesar de que el romancero, tal y como advirtió Ramón Menéndez Pidal en *Romancero hispánico. Teoría e historia* (1951), no es pródigo en elementos sobrenaturales, sí que podemos encontrar algunos motivos que trascienden la frontera de la racionalidad y, más concretamente, ponen en tensión los límites entre la relación de las personas y los animales. Uno de ellos es el motivo del caballo que habla —registrado, con gran parte de sus variaciones, en el *Motif-Index of Folk-Literature* de Stith Thompson (1932-1936) como «B211: Speaking horse»—, un motivo prácticamente universal y atemporal presente en numerosas tradiciones épicas del mundo. El motivo se encuentra en dos romances viejos: el romance cidiano de *El rey moro que reta a Valencia* (Índice General del Romancero: 0045) y el carolingio *Valdovinos sorprendido en la caza* (IGR: 0796); y, también, por contaminación de este último, en la tradición oral moderna de *La pérdida de don Beltrán* (IGR: 0150), *Conde Niño* (IGR: 0049) y *Gaiferos libera a Melisenda* (IGR: 0151). Sin embargo, no es un motivo estanco, sino que se producen variaciones considerables. Mientras que en el primer romance el caballo entabla un diálogo con un animal homólogo (una yegua) en una persecución, en el segundo dialoga con un humano (su jinete) en medio de una batalla. Las variantes que se producen en las diferentes tradiciones orales de uno y otro romance son también significativas, pues van desde cambios mínimos en las expresiones y las palabras hasta transformaciones profundas en el discurso y el argumento. La intención de esta comunicación es, así pues, analizar el motivo del caballo que habla en el romancero, prestando atención a i) sus paralelos en la épica europea, ii) los sentidos y significados que se conjugan en los romances viejos donde está presente y iii) las variantes que se producen en la tradición oral moderna.

Revital Refael-Vivante (University Bar-Ilan)

DANGEROUS RELATIONSHIPS: THE FABLE OF "A SNAKE AND A RICH MAN" (*MISHLEI SHU'ALIM*, BERECHIAH HA-NAQDAN, 12TH CENTURY)

The fable of "the snake and the rich man" describes a strange relationship between a rich man and a snake, which was spoiled by the man's ungratefulness towards the snake. In the lecture, I will discuss the meaning of ungratefulness and sowing hatred for generations to come, as expressed in this fable. The relationship described in the fable between the man and the snake is particularly puzzling in the light of biblical literature and Jewish exegesis, which sees the snake as negative, dangerous, and symbol of seduction. For example, the fable corresponds with the story of the Garden of Eden, and paradoxically the serpent in the fable is presented favorably and is the victim of man's bad deeds. The complex relationship between man and snake in the parable is reflected in the administration. The moral links the fable to concrete reality and reflects interpersonal and social relationships between human beings.

Roque Sampedro López (Universidad de Santiago de Compostela)

LOS ANIMALES COMO REPRESENTACION POLITICA EN EL *LIBRO DE LAS BESTIAS* DE RAMON LLULL Y SU INFLUENCIA EN EL *LIBRO DE GRACIAN*

Esta propuesta gira en torno al estudio de dos textos. Por una parte, el *Libro de las Bestias* del filósofo mallorquín Ramón Llull, integrado como libro VII del *Libro de las maravillas* (c.1287-1289), aunque probablemente compuesto con anterioridad. Por otra, el *Libro de Gracián*, un relato de viajes anónimo escrito en la Castilla de Juan II (1405-1454), en el que se hace un uso extensivo de la obra luliana, incluyendo el *Libro de las Bestias*. En este sentido, nos proponemos, en primer lugar, estudiar el discurso político que presenta el *Libro de las Bestias* a través de una fábula de animales, en la que diferentes puestos de gobierno se representan a través de distintos animales (el rey, la zorra, el caballo, el elefante, etc). Así, el relato transmite toda una reflexión sobre la naturaleza del gobierno, la corrupción, y los vicios y virtudes de diferentes “estados” sociopolíticos. En segundo lugar, estudiaremos la recepción de Llull en Castilla, especialmente a través del mencionado *Libro de Gracián*, investigando las formas en las que el autor anónimo se apropia de las representaciones lulianas. Así, aunque la presencia de animales en el *Libro de Gracián* sea secundaria, el uso que se hace de las obras lulianas puede ayudar a comprender las formas en las que se leían las fábulas de animales, especialmente en el contexto cultural de la Castilla del siglo XV, en la que la sátira animal era un vehículo de crítica política (como en el caso de la *Batalla de los perros y los lobos*, de Alfonso de Palencia).

Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)

FIGURAS DO ANIMAL EM CANTIGAS DE ESCARNIO E MALDIZER

As Cantigas de Escárnio e Maldizer, na sua missão satírica, recorrem por vezes a animais ou motivos animais para enfatizar comportamentos socialmente censuráveis. Procuraremos recensar alguns textos emblemáticos desse uso do mundo animal para fins de crítica e invetiva social e pessoal, bem como refletir sobre o modo como trovadores e jograis galego-portugueses perspetivavam o mundo animal.

Sónia Gomes (NOVA FCSH)

O CÃO MEDIEVAL, UM FIEL COMPANHEIRO DE CAÇA

Considerado atualmente por muitos o “melhor amigo do Homem”, o cão já era companheiro dos seres humanos ainda antes da história escrita, ocupando o seu lugar entre estes como guardião, parceiro de caça ou de companhia. Retratado e representado em muitas obras medievais é possível aferir que em todos os estratos sociais encontraríamos uma família que fosse dona de um ou mais cães independentemente da função que este desempenharia. Uma grande parte dos cães medievais justificavam a sua manutenção no seio familiar desempenhando a sua vocação mais comum, ou seja, eram cães de guarda quer de casas quer de outros animais. Todavia, a literatura e arte medievais sugerem-nos também que alguns elementos da nobreza, em particular as mulheres, mantinham perto de si um cão de companhia e que este era tratado com todos os confortos e agrados. Mas não era só enquanto cão de guarda ou de companhia que o cão medieval participava na vida medieval, através de várias

fontes é possível verificar que os cães que auxiliavam na caça detinham igualmente um papel muito importante no cotidiano medieval, em particular no da nobreza. As qualidades mais destacadas destes animais eram a sua lealdade e inteligência pelo que não é de estranhar que a preocupação com a saúde e o bem-estar animal esteja bem patente em obras que exploram este assunto. Orientados pelos contemporâneos tratados de caça o Livro da Montaria, de D. João I e o Libro da Monteria, de Alfonso XI iremos procurar compreender quais as maiores preocupações tidas com os cães de caça, tentar traçar o seu perfil, procurar perceber quais as suas principais funções e, finalmente, indagar sobre a relação estabelecida entre dono e animal.

Teresa Araújo (NOVA FCSH, IELT)

O QUE OS HOMENS AINDA NÃO SABEM, OS ANIMAIS PROGNOSTICAM

A perspetiva ontológica tendencialmente mais holística do que antropocêntrica tem radicais inclusivamente em convicções públicas expressas em narrativas ancestrais transmitidas e reforçadas nos sulcos da História. Uma categoria destas concepções é a da noção recentemente examinada no *Bulletin of the Seismological Society of America* de que os animais não humanos pressentem os terremotos antes de os homens experienciarem o fenómeno geológico (Woith, Petersen, Hainzl, Dham, 2018). Outra espécie de crença assegura a inclinação dos primeiros para renunciarem acontecimentos *meta-físicos*, nomeadamente de natureza histórica, como os relatos épico-líricos de origem medieval *Profecia de la pérdida de España* e *Predicción de la muerte del rey don Pedro*. O presente estudo tem o seu foco na poetização romancística deste modo globalizante do entendimento da cognição de acontecimentos do foro cultural.

Tiago Luís Peixinho (Universidade Aberta)

INCURSÕES SOBRE A DIGNIDADE EVANGELIZADORA E CRISTOLOGICA DE ALGUNS ANIMAIS NA IDADE MEDIA

O universo medieval marcado pela ruralidade e pelo contacto diário com a natureza permite, facilmente, o encontro com diversos tipos de animais. Animais que, à luz dos estudos sobre o imaginário, vão sofrendo diversas modelizações literárias e culturais. Assim, uma população predominantemente analfabeta, que beneficiava do culto dos santos como uma “Bíblia local”, vai receber, embora não exclusivamente, por via de alguns destes, os animais como forma de aproximação à narrativa cristã. Com efeito, da Antiguidade Grega chegavam testemunhos, influenciadores da Bíblia, de que o homem era dotado de espírito, o lhe conferia um carácter imaterial. O animal, por seu lado, apenas dispunha do seu corpo mortal. Neste sentido, uma certa inferiorização do animal, face ao humano, permite conjugar um uso da sua presença terrena com a filosofia cristã. Existem inúmeras narrativas de santos medievais em que intervêm animais. A visão de uma Igreja Sagrada, mas, simultaneamente, de lugar comum não deixa de aceitar a presença de animais, muitas vezes mencionados em bênçãos específicas para os mesmos. São tolerados por teólogos e os sacerdotes aceitam-nos como elementos de evangelização. Desconsiderar os animais era um perigo que a Igreja não pretendia correr. Os cultos populares, de grande divulgação, envolvendo animais, controlavam a influência de curandeiros e de magos. Assim, a própria teoria da transubstanciação se viria a apoiar no “Cordeiro de Deus”, enquanto imagem real de Cristo (Concílio de Trento). No século XVII, procurar-se-á reescrever XIII Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM 2 alguma hagiografia medieval, substituindo-se animais por homens. Acentua-se a distinção entre sagrado e profano.

Na nossa intervenção, serão focados os casos de Santa Gertrudes de Nivelles (gatos), São Paulo Eremita (corvo), São Corbiniano (urso), São Francisco de Assis (lobo), São Jerónimo (leão) e São Guinefort (cão). Aludiremos, ainda, ao Livro do Profeta Isaías, no sentido de concretizarmos um (micro)cosmos em que ser humano e animal caminham lado a lado, numa relação antiga com diversos matizes.

Tovi Bibring (University Bar-Ilan)

THE PRIEST AND THE WOLF: CROSSING THE BORDER BETWEEN CULTURE AND NATURE IN MEDIEVAL FABLE- LORE

"The wolf put at school", a medieval fable based on a literary and artistic topos, recounts the story of a priest who tries to teach a wolf the alphabet. The wolf repeats the sounds of the first three letters without any fault. Enthused by his brave pupil, the priest then asks the wolf to compose a whole word out of the letters he spelled, and the wolf solemnly answers: "a lamb"! This kind of fables juxtaposing men and animals, instead of the more frequent model where we deal with two personified animals, reexamines fundamental questions of the liminality between men and animals. Encounters between two personified animals often represent the natural hierarchy that contrasts the strong to the weak, with the former triumphing. However, such victories, naturally justified, are interpreted as negative. They are criticized on the grounds of morality, which is an act of (human) culture, as Judeo-Christian morality affixed the concept of the rich and powerful who must support the poor and miserable, and not abuse, steal or persecute them. What is, in terms of nature, an act of survival, becomes, in terms of culture, anarchy and immorality. *A contrario*, the conjunction of the wolf with the scholar modifies the relationship between the correlative categories. It is no longer a question of representing behavioral traits, but of ideas and concepts. It is no longer the physical strength of a wolf that is contrasted with the impotence of a lamb. What is at stake in such narratives is the cognitive ability. The question that, in the case of two personified animals, was whether a bad man (e. g. a thief, a cheater, a trespasser), can change his character and become a moral, virtuous man who does not harm his fellow man, has transformed, in the case of a human and an animal into questioning whether the "Other" can belong to the dominant group. The philosophical approach is different. We no longer wonder if a man can change his nature, but if he can change his culture; not if he can stop doing evil, but if he can access a higher level, enlightening himself through knowledge.